

Processos educativos em práticas de radiodifusão comunitária: potenciais ambientes de produção de sentido na perspectiva da heteroglossia

Ricardo Cocco

Universidade Federal de Santa Maria Campus Frederico Westphalen (UFSM/FW)

Doutor em Educação pela Universidade de Passo Fundo/RS com Doutorado Sanduíche na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre — Portugal (2019). Técnico em Assuntos Educacionais na UFSM/FW.

E-mail: ricardo.cocco@ufsm.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2047-4177>.

Flávia Eloisa Caimi

Universidade de Passo Fundo (UPF)

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande (2006). Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo (1999). Graduada em História pela Universidade de Passo Fundo (1986). Professora Titular aposentada do PPGEDU da Universidade de Passo Fundo/RS.

E-mail: caimi.flavia@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5509-6060>.

Resumo: O artigo é um recorte da tese de mesmo nome apresentada ao PPGEDU-UPF e toma como objeto a Radiodifusão Comunitária (RadCom) que se configura como um campo de lutas envolvendo atores diversos. A questão central é: mediante quais condições as experiências de RadCom compõem ambientes de produção de sentidos na perspectiva da heteroglossia? O estudo de caso foi adotado como método de investigação e o aporte teórico de análise apoia-se em Bakhtin (2009; 2011). Os resultados indicam que essas práticas comunicativas alternativas e de caráter comunitário, mesmo em meio às vicissitudes e contradições a que estão expostas, têm potencialidades, em

Abstract: The article is an excerpt from the dissertation of the same name, presented to the Graduate Program in Education (PPGEDU) at UPF, and takes as its object Community Broadcasting (RadCom), which is configured as a field of struggles involving diverse actors. The central question is: under what conditions do RadCom experiences create environments of meaning production from the perspective of heteroglossia? The case study was adopted as the research method, and the theoretical framework for analysis is based on Bakhtin (2009, 2011). The results indicate that these alternative and community-based communicative practices, even amid the vicissitudes and

Recebido: 22/08/2025

Aprovado: 21/10/2025

certos tipos de situações discursivas, para promover ambientes e práticas marcadas pela heteroglossia.

Palavras-chave: educação; comunicação; RadCom; Bakhtin; heteroglossia.

contradictions to which they are exposed, hold potential, in certain types of discursive situations, to promote environments and practices characterized by heteroglossia.

Keywords: education; communication; RadCom; Bakhtin; heteroglossia.

1. CENÁRIO INTRODUTÓRIO E OBJETO DA PESQUISA

Em meados da década de 1990, com o declínio de movimentos ditatoriais e a ascensão de novos atores no cenário sociopolítico no continente latino-americano, José Ignácio López Vigil escreve *Manual urgente para radialistas apasionadas e apasionados* (2003), fruto de seus mais de trinta anos de experiência em ensino na área da Comunicação e Educação no Caribe e na América Latina. Nessa obra, Vigil transita pela genealogia do rádio, analisando a linguagem, as condições que lhe são próprias, as exigências que o presidem, a realidade diária do veículo e as possibilidades que o alargam.

Para Vigil (2003, p. 36), “no rádio não só fazemos os cegos verem, fazemos cheirar sem nariz, acariciar sem mãos e saborear à distância”. O autor está tratando em suas reflexões de uma mídia popular que, muito além de transmitir, difundir ou divulgar, participa da produção/criação de um universo incomensurável de sentidos, narrativas, visões de mundo, comportamentos, consciências. O rádio vem se relacionando histórica, direta e sensualmente com os sentidos, os tons, os processos culturais, a imaginação e com a palavra, com a qual nos tornamos homens e mulheres e sem a qual, segundo Vigil, não passaríamos de *simpáticos primatas*.

Nesse sentido, entendendo que a linguagem radiofônica pertence à ordem do inacabado, do fazer-se, do aberto, do vir-a-ser, da construção, Vigil (2003, p. 46) deixa de sobreaviso:

[...] não somos robôs. Não funcionamos com tomadas nem molas. Tanto emissores como receptores são pessoas humanas em situações sociais e familiares muito concretas, com determinados gostos e desgostos, com características diferentes, com hábitos e manias, com costumes muito enraizados, com interesses muito prementes, com uma amálgama de sentimentos contraditórios, vivendo de maneira única a nossa imensa minoria. Cada pessoa é um mundo, como dizem. E é a partir desse mundo que a mensagem é elaborada por quem envia ou reelaborada por quem recebe. Quem dá sentido às coisas é o sujeito, não a mensagem.

Dessas inquietações descortina-se o pano de fundo deste trabalho investigativo: as inter-relações, a proximidade, as intimidades e as interfaces entre comunicação social, mídias, discurso, rádio e educação e as possíveis abordagens que apontam para um diálogo entre esses campos do saber. Considera-se a existência dessa familiaridade e de relações que podem ser estabelecidas entre as mídias e os processos educativos. Esses processos não são pensados apenas

com base em um modelo escolar, mas entendidos, nesse horizonte, como fatos sociais e como processos que decorrem da produção e socialização de saberes, que se constituem a partir da interação permanente e multilateral de sujeitos mediados pela linguagem e que se concretizam em diversos espaços formativos que extrapolam os muros da escola e os sistemas convencionais de ensino.

Empreende-se uma marcha ancorada no pressuposto de que a comunicação e os processos educativos se entrelaçam e se configuram como cursos complexos e concretos de produção de saberes e de experiências humanas e culturais. Baccega (2013, p. 177) afirma que:

E por que podemos afirmar que Comunicação/Educação é um espaço concreto? Como diz Paulo Freire, nós vivemos no mundo e com o mundo. E que mundo é esse? É aquele que é trazido até o horizonte de nossa percepção, até o universo de nosso conhecimento. Afinal, não podemos estar “vendo” todos os acontecimentos, em todos os lugares. É preciso que “alguém” os relate para nós. O mundo que nos é trazido, que conhecemos e a partir do qual refletimos, é um mundo que nos chega editado, ou seja, ele é redesenhado num trajeto que passa por centenas, às vezes milhares de filtros até que “apareça” no rádio, na televisão, no jornal. Ou na fala do vizinho e nas conversas dos alunos.

Interessa ao estudo, de modo geral, tratar dos processos de produção e recepção em espaços de comunicação de massa, bem como da inter-relação entre os campos da Educação e da Comunicação (admitindo a possibilidade de uma relação entre os campos enquanto um espaço de fronteira a ser compreendido), e das mídias, especificamente do rádio, como campos de conflito e produção de sentidos e que favorecem a constituição de ambientes formativos.

Toma-se, então, como objeto específico a Radiodifusão Comunitária (RadCom), enquanto fenômeno em movimento e em constante transformação, que se configura como um campo de lutas envolvendo atores diversos.

A partir das décadas de 1960–1970, assiste-se ao eclodir, na América Latina, de movimentos alternativos de comunicação social que se caracterizaram fundamentalmente pela apropriação dos meios de comunicação de massa por populações e sujeitos marginalizados que, na luta diária para afirmar ou garantir sua existência, reinventam formas de luta e expressão. Esses movimentos se expandiram enormemente na década de 1990 e propunham a criação de mecanismos de participação, gestão direta e popular na produção de mensagens midiáticas e a criação de estruturas e espaços de comunicação alternativos, a fim de que os sujeitos afastados dos meios de comunicação convencionais pudessem se apoderar de ferramentas para veicular suas posições e para que os receptores também se convertessem em produtores, emissores no processo de comunicação.

O fenômeno das RadCom é subsidiário de movimentos alternativos e populares. Ele carrega consigo uma história, sujeitos, culturas, conflitos sociais, vozes entremeadas e linguagens entrelaçadas no diálogo que se formam em um processo concreto e permanente, e sempre que acionados, (re)inauguram novos movimentos semânticos. Assim Vigil (2003, p. 397) descreve o fenômeno:

No Canadá são conhecidas como Rádios Comunitárias. Na Europa preferem chamá-las de Rádios associativas. Na África, Rádios rurais. Na Austrália, Rádios públicas. Em nossa América Latina, a variedade de nomes dá conta da riqueza das experiências: educativas na Bolívia, livres [ou comunitárias] no Brasil, participativas em El Salvador, populares no Equador, indígenas no México, comunais aqui e cidadãs acolá. [...] Mudam os trajés, mas a tribo é a mesma. Porque o desafio de todas as emissoras é parecido: democratizar a palavra para tornar mais democrática essa sociedade excludente à qual nos querem acostumar os senhores neoliberais.

Enfim, seja qual for o sobrenome que lhe dão (comunitária, livre, educativa, associativa, guardando as peculiaridades de cada experiência concreta), há um indicativo de que tais mídias tenham extrapolado o simples conceito de rádio, pois sua amplitude, complexidade e propósitos se estendem a outros campos que não apenas o da comunicação.

A comunicação social via Radiodifusão (Governo Federal, 2025)¹ de caráter comunitário no Brasil é um fenômeno relativamente recente. Instituída sob a égide da legislação de 1998, tem seu nascedouro algum tempo antes, mesmo às margens da lei, nas lutas de resistência dos movimentos sociais dos anos 1970 e na busca de grupos e sujeitos pela ampliação dos processos democráticos que possibilitariam, por meio de novas formas de comunicação e de canais alternativos e viáveis, maior participação popular, promoção da cidadania e formação do cidadão. Apesar dessa *mocidade*, as emissoras de RadCom configuram-se como tais depois de um longo itinerário percorrido pelas chamadas Rádios Livres, que colocavam sua programação no ar sem a concessão governamental.

No Brasil, as primeiras transmissões de rádios não-comerciais datam das décadas de 1970 e 1980. “Em 1971, no auge da ditadura, surge a Rádio Paranóica², em Vitória, no Espírito Santo, considerada a primeira emissora livre do Brasil” (Santos, 2014, p. 89), tendo sido violentamente fechada pela polícia sob a alegação de que mantinha ligação com grupos políticos contrários ao regime militar instaurado em 1964.

Conforme afirmam Brock e Malerba (2013, p. 1), não se pode definir com uma resposta única a pergunta acerca do que é uma Rádio Comunitária; “pelo contrário, Rádios Comunitárias são experiências sempre singulares e apresentam diferentes trajetórias de práticas e conceitos”. Ou seja, não se pode reduzir as múltiplas experiências no campo da RadCom a um conceito pleno e acabado. Até porque não é razoável diluir os sentidos em conceitos. Determinar uma identidade conclusiva pode se configurar em uma armadilha.

Para Vigil (1995), o atributo de *comunitária* não é uma declaração de princípios assinada no primeiro dia de emissões e que depois fica guardada na gaveta. É um estilo de viver, de pensar, de relacionar-se e de dialogar com o público. O autor, então se pergunta “¿Qué hace comunitaria a una radio comunitaria? ¿Cuándo se puede decir que una radio es comunitaria? ¿O que a identifica?” (Vigil, 1995, p. 54) E responde:

Quando una radio promueve la participación de los ciudadanos y defiende sus intereses; [...] cuando ayuda a resolver los mil y un problemas de la vida

1 O Plano Nacional de Outorgas, referente à Radiodifusão Comunitária e Educativa do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicação afirma que em 4062 dos municípios do Brasil existe pelo menos uma emissora de RadCom. Ainda, segundo o relatório, são 5.085 canais ocupados por RadCom distribuídas em todas as regiões do país.

2 Conforme Girardi e Jacobus (2009), a emissora foi criada por dois jovens, um de dezesseis e outro de quinze anos, e utilizava o bordão “Paranóica, a única que não entra em cadeia com a Agência Nacional”. Como resultado, o mais novo foi preso e acusado de subversão, embora nem soubesse direito o que isso significava. A Paranóica foi interdita, mas voltou a funcionar em 1983 e se manteve no ar até a segunda metade dos anos 1990 com o nome de Rádio Sempre Livre (Girardi; Jacobus, 2009, p. 18).

cotidiana; cuando em sus programas se debaten todas las ideas y se repetan todas las opiniones; cuando se estimula la diversidad cultural y no la homogeneización mercantil; cuando la mujer protagoniza la comunicación e no es una simple voz decorativa o un reclamo publicitario; cuando no se tolera ninguna dictadura, ni siquiera la musica impuesta por las disquerias; cuando la palabra de todos vuela sin discriminaciones ni censuras; essa es una radio comunitaria (Vigil, 1995, p. 54).

2. PROBLEMA DA PESQUISA E METODOLOGIA

Tendo em vista o cenário apresentado até aqui, a pergunta que move a investigação está assim constituída: Partindo do pressuposto de que os Meios de Comunicação Social configuram um campo de negociação, produção e circulação de discursos, mediante quais condições as experiências de RadCom, situadas em cenários culturais e histórico-sociais, podem compor ambientes de produção de sentidos na perspectiva da heteroglossia?

Nesta pesquisa, a heteroglossia (Bakhtin, 2009; 2011) é pensada como uma categoria de certas situações discursivas que reconhece, favorece, celebra e promove lógicas e práticas comunicativas onde as vozes dos sujeitos podem ser ouvidas com força e ressonâncias totais. Situações discursivas não se constituem heteróglotas única e exclusivamente pela licença ou permissão que concedem às vozes a fim de que participem dos processos de produção de inteligibilidades, nem pela ausência de conflitos e pressões sociais, mas pela forma como respeitam e celebram a multiplicidade e a arquitetura que oferece para que elas dialoguem. Um cenário discursivo heteróglota se estabelece mediante um conjunto de condições sociais, políticas e discursivas que favorecem e salvaguardam que as vozes dos sujeitos ecoem em sua plenitude e participem ativamente nos processos de produção de sentidos.

A produção de sentidos é entendida como o lugar da luta ideológica, que se realiza num processo de compreensão responsiva ativa e como efeito da interação locutor e receptor, em um movimento de comunicação verbal. O ambiente do ideológico é o espaço social, um terreno interindividual, uma situação concreta de comunicação discursiva. Por isso, é de fundamental importância pensar a palavra, o discurso midiático em ambientes alternativos e em seus sentidos múltiplos, que se dinamizam na tessitura social face à natureza dialógica, conflituosa que permeia a produção, a recepção, o texto e o contexto dos processos comunicativos. Eis o que nos parece um ponto nevrálgico de convergência com a questão educacional e o que poderíamos deixar como contribuição para o atual cenário das pesquisas em educação no Brasil.

Ao compreender as experiências de RadCom para empreender uma busca pela dimensão pedagógica potencialmente presente, define-se pelo Estudo de Caso como método de pesquisa. Segundo Fonseca (2002, p. 33), “um Estudo de Caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida, como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou

uma unidade social”. Observa-se inicialmente, portanto, a RadCom como uma unidade de pesquisa que pode ser reconhecida publicamente sob as condições descritas neste trabalho como, de acordo com Yin (2001, p. 32), um fenômeno único, “contemporâneo, compreendido dentro de seu contexto da vida real”, enfim como um *caso*.

A pesquisa de campo teve como foco duas rádios comunitárias situadas no interior do Rio Grande do Sul: *Liberdade FM de Três Palmeiras* e *Rádio Comunitária de Frederico Westphalen*. O estudo contemplou diferentes procedimentos metodológicos: entrevistas com locutores e diretores das emissoras, pesquisa de opinião pública com 44 ouvintes de perfis variados nos dois municípios, consulta a registros documentais em arquivos institucionais e observação direta da grade de programação por meio de diário de escuta. As entrevistas e a pesquisa de opinião foram organizadas tendo por base um roteiro pré-definido dividido em seis dimensões analíticas: histórica, local e de proximidade, produção, interlocução com os ouvintes, ideológica e política, além de sustentabilidade e legalidade. Essa combinação de técnicas permitiu a construção de um panorama abrangente das práticas comunicacionais, dos discursos em circulação e da relação entre produção e recepção no contexto das rádios comunitárias estudadas, conforme quadro 1.

Quadro 1: Síntese das emissoras observadas no trabalho de campo

Emissora / Prefixo	Cidade / N° habitantes (IBGE)	Associação / Data Fundação / N° de associados quando da fundação	Entrada em Operação	Outorga	Programação “ao vivo”	Colaboradores	Site Emissora
Rádio Comunitária Liberdade FM / 104.9	Três Palmeiras / 4.291	Associação de Comunicação Comunitária Liberdade de Três Palmeiras / 24 de abril de 2003 / 30	Rádio Web: 2007/ Rádio Antena: 2008	09 março 2010	06:00 as 22:00	4	http://liberdadetrespalmeiras.blogspot.com/
Rádio Comunitária FM / 87.9	Frederico Westphalen / 31.120	Associação Frederiquense de Radcom / 22 março 2003 / 84	15 de maio de 2003	25 abril 2007	06:00 as 20:00	9	www.comunitaria.com.br

Fonte: Elaboração do autor (2025).

A síntese do campo revela que ambas as rádios nasceram de projetos coletivos que buscavam atender às demandas e interesses locais, constituindo-se como alternativas aos meios de comunicação hegemônicos. As entrevistas com locutores evidenciaram forte engajamento social e político dos sujeitos, apontando que a democratização da comunicação aparece como eixo central. A programação, em grande parte, construída coletivamente, reflete a influência direta da audiência, caracterizando-se como espaço de pluralidade cultural e de disputas simbólicas.

Na perspectiva dos ouvintes, destacou-se o sentimento de pertencimento e a superação da tradicional separação entre locutor e receptor. As emissoras

são vistas como meios de informação de interesse público, capazes de abordar questões locais e fomentar a reflexão comunitária. Os ouvintes demonstraram responsividade ativa, comentando os temas tratados, mobilizando-se a partir deles e reconhecendo a batalha política e ideológica em que estes discursos estão imersos.

A análise das rádios comunitárias estudadas evidencia a presença de múltiplos sujeitos sociais que, em sua diversidade de origens, lugares e intencionalidades, constroem coletivamente espaços públicos de expressão e circulação de sentidos. Esse processo revela que a comunicação comunitária se constitui como arena de enfrentamentos sociais, culturais e semânticos, especialmente ao oferecer alternativas discursivas e narrativas a grupos historicamente excluídos dos sistemas hegemônicos de comunicação.

O fenômeno da RadCom confirma que a comunicação social não se resume a emissores e receptores isolados, mas sim a um processo interativo em que vozes, posições ideológicas e pontos de vista, mesmo em condições desiguais, entram em diálogo, estabelecendo concordâncias, discordâncias e respostas. Trata-se de um campo marcado pelo desejo de participação, pela disputa de sentidos e pela busca por reconhecimento.

Assim, falar de comunicação comunitária implica compreender mais do que meios técnicos: envolve práticas sociais, processos culturais, políticos e semânticos, em que sujeitos produzem inteligibilidade sobre seus contextos e sobre si próprios. Esse espaço comunicativo tem potencialidade para se configurar, portanto, como *lócus* do contraditório, no qual sentidos são permanentemente negociados e mantidos em aberto, reafirmando a natureza dinâmica e inacabada da interlocução social.

3. APORTE TEÓRICO

Em busca de um aporte teórico que pudesse dar suporte aos diálogos, recorreu-se a Mikhail Bakhtin, um dos autores mais proeminentes do século XX em se tratando de linguagem e comunicação. Os estudos de Bakhtin, embora tenham se dirigido à literatura (e seu gênero favorito é o romance), movem-se em esferas fronteiriças, podendo ser tomadas de empréstimo para compreender fenômenos de outras disciplinas, em suas junções e interseções. “Não há dúvidas de que Bakhtin detém um potencial enorme não apenas para os estudos literários, mas também para as ciências humanas em geral” (Renfrew, 2017). De acordo com Agger (2010, p. 403), “o escopo da teoria bakhtiniana não se encontra limitado à linguagem da literatura, mas também é válido para os gêneros de discursos do dia a dia”. Ribeiro e Sacramento (2010, p. 9) destacam que o nome de Bakhtin possui força teórica que, particularmente, em *Marxismo e filosofia da linguagem* (Bakhtin, 2009) e *Estética da criação verbal* (Bakhtin, 2011) é uma “referência fundamental para diversas teorias que, de

uma forma ou outra, discutem e problematizam a questão da comunicação hoje” (Ribeiro; Sacramento, 2010, p. 10).

Mas por que mobilizar Mikhail Bakhtin para entender processos comunicativos de forma geral e seus significados para o campo da formação do sujeito? Primeiro porque, mesmo sem mencionar diretamente o fenômeno da comunicação e da comunicação de massa, campo não explorado pelo filósofo russo que se dedicou, sobretudo, à literatura a partir de sua teoria da linguagem, o autor oferece elementos teóricos com base nos quais é possível estabelecer um posicionamento compreensivo acerca da comunicação e suas contribuições aos processos de inteligibilidade do mundo e constituição do sujeito. Contribui, precisamente, por causa do olhar que lança para os aspectos dialógicos dos enunciados e dos discursos, tendo em vista a dialogia que está em ação em toda e qualquer comunicação discursiva.

Para Agger (2010, p. 400), mesmo que o arcabouço teórico bakhtiniano esteja focado na literatura e, em especial, no romance, e que provavelmente o autor não tenha pretendido alcançar uma amplitude a tal ponto de emprestar os elementos de sua teoria a pesquisadores de outros campos do estudo, geralmente é potencial estabelecer paralelismos e analogias entre suas análises e as análises de processos comunicativos.

Em segundo, a mobilização desse autor no trabalho deve-se ao fato de que Bakhtin pode amparar e animar uma visão dialógica dos processos comunicativos, visão esta que escapa da leitura pessimista em torno da manipulação, que considera a existência de vozes hegemônicas capazes de “provocar pouca resistência” (Stam, 2010, p. 331). Por outro lado, escapa também das ingênuas defesas dos acrílicos apologistas. Para Stam (2010, p. 29), por exemplo, o pensamento de Bakhtin permite romper com as falsas dicotomias e “perceber as ambivalências entre hegemonia e resistência” nos processos comunicativos. Ao mesmo tempo em que reconhece o peso próprio do sistema e do poder, também percebe brechas para a insubordinação.

Essa perspectiva pode ajudar a ampliar a compreensão dos processos comunicativos sejam eles quais forem, pois oferece uma lente para compreender tais processos com base em uma perspectiva dialógica, processual e dinâmica, sem uma exaltação cega e ingênua, mas também sem sacrificar a luta contra qualquer tipo de dominação.

O discurso é o resultado de um processo dialógico complexo e inacabado (inconcluso) de interação entre emissor e receptor. Falante/ouvinte não são papéis fixos, mas intercambiáveis, resultam da mobilização discursiva. São posições ideológicas, consciências, vozes, sujeitos que se defrontam, entrechocam no interior dos enunciados e que produzem inteligibilidades aos próprios sujeitos e ao mundo que os rodeia. Conforme afirma Bezerra (2013, p. 25), “em cada palavra há a existência de uma segunda voz”, ou mesmo de uma multiplicidade de vozes. Esta diversidade de vozes presentes no discurso se encontra no próprio interior do discurso, não apenas na voz do falante individual, mas encarnada nos sentidos produzidos no encontro com outros falantes e ouvintes. O falante não

é produtor autônomo do discurso ou dos sentidos que nele são construídos, mas seu enunciar carrega “vozes do passado que se cruzam com vozes do presente e fazem seus ecos se propagarem no sentido do futuro” (Bezerra, 2013, p. 12), num diálogo sem fim. Esta situação é “primeiramente um fato social, descreve a condição fundamental do discurso, abrangendo todas as formas de interação verbal, literárias ou de outro tipo” (Renfrew, 2017, p. 131). Então, os sujeitos que interagem constituem um vasto universo social em formação, assim como em formação permanente se encontra a consciência do próprio homem, inconclusa, irreduzível a definições engessadas e determinadas.

Por trás desse contato está “um contato entre indivíduos, e não entre coisas [...], por trás do texto sempre há vozes” (Bezerra, 2013, p. 18). O discurso pertence ao campo do aberto, das questões não resolvidas, que não se fecha em si mesmo. Nem o sujeito nem mesmo o enunciado estão sozinhos; em vez disso, segundo Stam (2010, p. 334),

[...] existe uma heteroglossia conflituosa que permeia a produção, o texto, o contexto e o leitor/observador, [...] esse processo é conflituoso, envolve uma orquestra de diversas vozes responsáveis pela elaboração do texto, um processo que deixa marcas e discordâncias no próprio texto.

Os discursos revelam as tensões da luta social, de uma luta que é de classe, onde a ideologia dominante procura assumir o controle das narrativas e da produção dos sentidos. Segundo Bakhtin (2009, p. 48), “a classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classes, a fim de abafar ou ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente”. O autor alerta para o fato de que se a compreensão acerca da dialogicidade da comunicação verbal for colocada às margens da luta de classes, “irá infalivelmente debelar-se [...], tornar-se-á objeto de estudo dos filólogos e não será mais um instrumento racional e vivo para a sociedade” (2009, p. 48). A participação das falas dos sujeitos na composição dos sentidos dos discursos está marcada por sua entonação, por seu colorido, pela posição social do interlocutor. São muitas as maneiras pelas quais o poder modula os diálogos e configura sua representação. Em situações concretas de conversação existem padrões claros de supremacia e tendências ideológicas. Cada palavra transforma-se numa arena onde competem entonações sociais e os sentidos nascem de uma batalha campal de embates políticos. Os discursos não se configuram a partir de sistemas fechados em um mundo sem lutas ou sem mudanças, e como afirma Newcomb (2010, p. 367), “todas as vezes que a pesquisa ou a análise se confronta com a experiência real, a luta tem que ser reconhecida”.

Hirschkop (2010, p. 122) sustenta que a heteroglossia não se efetiva nem quando “o discurso está livre de qualquer repressão política explícita nem quando desfruta da participação da maioria do povo, mas sim graças ao tipo específico de ‘ação comunicativa’ que impõe” e que é preciso definir o terreno dessa luta como um espaço político, e não apenas no nível linguístico. Afinal,

conclui ele, “no tempo presente, pelo menos, o diálogo é algo pelo qual devemos todos lutar, ao invés de tê-lo como certo” Hirschkop (2010, p. 122).

Heteroglossia consiste na criação de uma conjuntura onde as vozes podem ser ouvidas com força e ressonâncias totais. Uma experiência de discurso como um território compartilhado no qual diferentes vozes se misturam à voz do sujeito. A heteroglossia situa-se no campo do inacabado, do aberto, do inconcluso, da compreensão, da contrapalavra, do cruzamento e pontos de encontro, da não exclusão das tentativas de silenciamento, exclusão, opressão, das tensões sociais, da produção de sentidos. A heteroglossia sugere a inclusão dos discursos e práticas comunicativas em algum momento condenadas ao ostracismo. Sua inclinação ao que é marginal nos aponta para um diálogo que combate a seletividade imposta pela cultura de massa, para dar vazão ao periférico e aos sujeitos e vozes historicamente abafadas e excluídas nas batalhas pelo sentido, pela inteligibilidade do mundo e dos próprios sujeitos.

A heteroglossia não se define estritamente pela existência de várias vozes, ou mesmo na permissão para que elas existam, mas é preciso considerar a forma como elas são postas para dialogar, na criação de um cenário onde elas podem ser ouvidas em toda a sua força e ressonância. Em vista disso, sua afinidade com o que é marginal, com o periférico, com “as vozes não oficiais” (Stam, 2010, p. 347), torna o pensamento e as categorias bakhtinianas especialmente potentes à análise de práticas e experiências de comunicação contestadoras e alternativas e singularmente apropriadas para a inclusão dos discursos historicamente marginalizados.

4. CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA PARA O CAMPO DA EDUCAÇÃO

Mídias e escola, cada qual a sua maneira, se configuram como espaços de produção de sentidos, de encontro de sujeitos, de embates ideológicos, espaços de tensões entre enunciados, posições, vozes que pleiteiam por oportunidades de serem ouvidas, reconhecidas socialmente. À medida que estes espaços se articulam para favorecer a manifestação desta diversidade, não apenas sob o ponto de vista da diversidade de sujeitos, mas da multiplicidade discursiva; apostam no papel produtivo do paradoxo e do conflito em vez de hostilizá-los; investem no diálogo como elemento determinante no processo de criação dos conteúdos em oposição aos cânones que decretam o individualismo e a dominação; assumem o terreno dessa luta como um espaço político e não somente linguístico.

Entremeio a este cenário de interface entre processos educativos e mídias, a RadCom desponta como espaço alternativo de interlocuções e interações que nasce e se ancora proficuamente no campo da linguagem. Não são apenas meios de informação ou transmissores de significados, mas constituem-se em espaços de interação onde sentidos são produzidos, construídos e reconstruídos, experiências de aprendizagem são vivenciadas e onde sujeitos se encontram a fim de travar

disputas pela interpretação do mundo e de si próprios. A pesquisa debruça a compreender estes ambientes e estas práticas comunicativas à luz das interações verbais e da produção de sentidos que nelas e através delas ocorrem. Assim, partindo do pressuposto de que os Meios de Comunicação Social configuram um campo de negociação, produção e circulação de discursos, objetiva-se compreender mediante quais condições e experiências concretas de RadCom podem se configurar como práticas/situações discursivas potencialmente heteróglotas.

Considera-se que tão grande quanto o número de iniciativas populares de apropriação dos meios de produção de discursos com alcance massivo, são as trajetórias de práticas e conceitos presentes no âmago do movimento em diferentes cenários histórico-sociais e culturais. Coexiste, portanto, uma diversidade muito grande de formatos, projetos comunicativos, tendências epistemológicas e conceituais, com maior ou menor engajamento público ou popular, de posição marcadamente alternativa em questões políticas. As singularidades do fenômeno nos permitem ver, por outro lado, as formas como as vozes, em particular daqueles que estão às margens do poder político e econômico, ocupam ricamente um lugar nos espaços da radiofrequência como alternativa para expressar suas vivências, produzindo novos sentidos ao mundo em que vivem e a si mesmos como partícipes do processo.

Tendo em vista que cada experiência de RadCom constitui-se em um universo de linguagens, códigos e práticas sob uma heterogênea pluralidade de ritmos e lógicas articuladas em cada cultura, região, localidade e em contextos determinados, compreende-se como complexos processos matizados por discursos que contam, em palavras, histórias e experiências, traduzindo e narrando a partir dos sujeitos que se apropriam e ocupam espaços alternativos de comunicação, ideias, expressões culturais, opiniões, reações, enfim, aquilo que constitui a diversidade e pluralidade de cada sujeito em cada lugar.

Considerando a maneira bakhtiniana (Bakhtin, 2009, 2011), o dialogismo como inerente ao discurso, a heteroglossia é entendida como uma categoria específica de certas situações discursivas, tendo em vista a possibilidade de que nas práticas sociais o discurso e as relações sociais “podem se tornar monológicos, ou quase” (Hirschkop, 2010, p. 107). Portanto, à noção de dialogismo, é preciso incorporar o conceito de heteroglossia, não como um padrão linguístico natural do discurso, mas como característica de certas situações e experiências discursivas, e que se revela não apenas no nível da linguagem, mas se estabelece mediante um conjunto de condições sociais, políticas e discursivas que favorecem sua composição. É algo pelo qual deve-se lutar em vez de tê-la como certa, observando as condições necessárias que a favoreça. Esta é a chave usada para a leitura e análise das práticas concretas de RadCom, propriamente pelos modos, a partir dos quais, na prática, os processos discursivos podem incorporar as diversas vozes sociais e as levarem ao diálogo, preservando as tensões inerentes ao discurso, mas ao mesmo tempo, não excluindo a plurivocalidade que reverbera as dissonâncias e os conflitos sociais. Este é um processo que não está dado

de antemão ou garantido, caso se reze algum tipo de cartilha ou se adote alguma fórmula modelo. É uma construção sociocultural e comunicativa e ao mesmo tempo um estado, ainda que precário e efêmero (porque histórico e contingente), pelo qual se deve lutar enquanto condição, senão ideal, mas ao menos mais preferível, de existência. Para a configuração de tal cenário exige-se a criação de uma conjuntura textual e contextual em espaços de comunicação social onde a condição de falante não seja negada ao sujeito, nem mesmo sejam escamoteadas as possibilidades de ataques do monologismo, mas que proporcione um movimento duplo de celebração e de crítica que não excluam a utopia, as oposições, o riso, tampouco a subversão, o alternativo, o marginal e o periférico.

A pesquisa não buscou estabelecer um modelo a ser seguido, mas apontar elementos que permitem pensar as condições de enunciação em processos discursivos midiáticos capazes de promover a heteroglossia. Para Stam (2010, p. 334), o viés bakhtiniano exorta a pensar a “partir das margens”, de pontos de vistas não oficiais, alternativos aos padrões discursivos e culturalmente hegemônicos e que possibilitam a prática de certas situações discursivas onde não esteja asfixiado por completo o papel energizador do paradoxo e do conflito. A “questão não é impor uma interpretação, mas, ao contrário, trazer à luz vozes abafadas” (Stam, 2010, p. 334). Afinal, processos ativos de produção de sentido criam resistências, promovem lógicas que operam e alimentam diálogos sem que a multiplicidade de vozes dos sujeitos seja suprimida e sem que haja uma voz oficial constantemente repetida. Enfim, pensar instituições que ofereçam a oportunidade de uma forma dialógica de existência, de produção de sentidos num ambiente que permita a pluralidade e que favoreça processos heteróglotos.

Compreende-se que tais cenários discursivos podem ser promovidos quando os sujeitos entram em processos ativos de produção de sentidos. Quando constroem situações discursivas que não ignoram a tentativa por parte de grupos dominantes de impor um sentido, mas a relativizam. Quando as vozes dissonantes se fazem presentes e não cessam, mesmo frente a tendências hegemônicas que lutam para se manter sobrepostas às outras e a eventos discursivos que uma vez nascidos escapam de qualquer reprodução de sentidos sempre idênticos a si mesmos.

É neste panorama que se percebe na RadCom, por suas características históricas e sociais, sua vinculação estreita com a educação e sua vocação para o discurso alternativo, terreno potente e privilegiado para práticas discursivas fundamentadas em interações de caráter plural, dialógico e heteróglota e que podem se estabelecer, respondendo a pergunta de investigação, mediante as condições que passaram a expor a seguir:

I – Proximidade com o que envolve a vida das pessoas

Quando as práticas comunicativas de RadCom levam em conta as situações concretas que envolvem os sujeitos, e a partir delas se orientam, resultam num espaço estendido de interação onde as questões cotidianas e os interesses públicos podem circular. Desta maneira refletem, abastecem e amplificam aquilo que é mais próximo à vida dos sujeitos.

II – Experiências comunicativas que favorecem que as vozes ecoem, ressoem

Esse processo se efetiva na prática quando a RadCom se constitui em experiências comunicativas que favorecem que as vozes ecoem, ressoem, não sejam apenas toleradas com espírito condescendente, mas incluídas em sua força e tonalidades e onde se encontram a fim de travar um franco e aberto debate sobre o que lhe é mais próprio e na qual os mais diversos sujeitos discursivos lutam para conseguir fazer circular seus pontos de vista e suas visões de mundo.

III – Espaço de tensões (contradições) mobilizadoras e pontos de vista e vozes dissonantes

As práticas comunicativas em cenários de RadCom poderiam contribuir, desta forma, para promover espaços de manifestação do contraditório perdido em meio aos ataques do monologismo ou mesmo soterrado nas práticas comunicativas opressoras, excludentes e consensualistas. Tornar audíveis as vozes dissonantes, significa dar vazão a um processo discursivo no qual as tensões mobilizadoras da compreensão e que favorecem práticas de negociação de sentido sejam consideradas em sua força pedagógica. Forçar o poder, as contradições sociais, as tensões, a saírem dos bastidores para um palco onde podem ser exibidas, zombadas, discutidas e transformadas pode instaurar práticas discursivas heteróglotas. Estas práticas discursivas tomam *formas afiadas* em uma sociedade marcada pela luta social quando desmascaram, segundo Hirschkop (2010, p. 94), “a autoridade do discurso dominante pela exposição dos interesses sociais que permitem sua existência”.

IV – Potencial transgressivo à padronização discursiva e às lógicas convencionais de comunicação

O alternativo está na incorporação de novas dinâmicas que possibilitam, no nível do discurso, uma intervenção ativa dos sujeitos impulsionados pela luta social

em torno dos sentidos, com vistas a desmascarar a autoridade do discurso monológico-dominante alicerçado em discursos prontos, acabados, formalizados tendo em vista um modelo único de pensamento que segrega o diferente, o contestatório e o desviante. Esta subversão anarquizante oferece novos contornos para os processos de compreensão da realidade e negociação de inteligibilidades.

V – Constituição de cenários de enfrentamento e de processos de resistências

Em ambiente de cerceamento dos discursos divergentes com vantagem aos timbrados e *autorizados* pelas prescrições de uma estrutura que alicia uma enorme e poderosa maquinaria midiática a seu favor, as práticas discursivas de RadCom podem se irromper como formas discursivas que restabelecem as lutas pelo sentido quando são capazes de instituir processos de resistência às tentativas de emudecimento que agem a partir das forças ideológicas, políticas e econômicas no interior do sistema capitalista.

VI – Opção político-ideológica pelos discursos marginalizados, periféricos, não oficiais (inaudíveis)

Num horizonte onde inevitavelmente estão implicadas lutas sociais e disputa de poder, passa a ser imprescindível para a conquista da heteroglossia, a constituição de espaços comunicativos e promoção de situações discursivas em que as vozes das minorias e das maiorias marginalizadas sejam reconhecidas, assumidas e defendidas, a fim de que participem efetivamente do conflituoso processo comunicativo e com seriedade e coerência sejam publicizadas com a robustez e sonoridade que lhes são próprias.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se por fim, a partir da compreensão das práticas comunicativas de RadCom que formam o universo dessa investigação empírica, que os Meios de Comunicação Alternativos/Comunitários e, especificamente, os veículos de RadCom, por seus mecanismos e práticas, tendo em vista a historicidade do fenômeno e as condições de produção dos discursos que a eles se impõem, podem se constituir como espaços educativos e possibilitar experiências de formação do sujeito pelo ambiente de interação e negociação de sentidos que podem ensejar.

O que foi exposto leva a afirmar que a relevância pedagógica destas mídias alternativas não reside, pois, apenas nas mensagens veiculadas, nem mesmo pelo fato de poderem se constituir como meios em si ou como ferramentas pedagógicas (no uso da tecnologia como um meio de educação), ou mesmo por sua capacidade de suscitar a necessidade de uma formação específica no trato para com elas, ou ainda pela ação de qualquer um dos polos envolvidos no processo, emissor ou receptor. Os processos educativos se efetivam, ao ver deste estudo, nos modos de interação que estas experiências comunicativas podem proporcionar, nas possibilidades de interlocução que são capazes de ocasionar entre sujeitos que falam sobre si e sobre o mundo que os cerca, ou seja, numa interação efetiva, tensa e conflituosa, polifonicamente constituída, que possibilita a circulação de discursos que se opõem, transigem, convergem, divergem, enfim, de vozes dissonantes que negociam sentidos e inteligibilidades. Processo este que restaura o espaço do sentido, reconhece a pluralidade, inclui as vozes marginalizadas e combate (criando resistências) os ataques do monologismo e das forças que tentam abafar ou ocultar as vozes dos sujeitos na composição dos sentidos de si enquanto sujeito atravessado também por muitos discursos e do seu entorno.

É nesta paisagem de tensões mobilizadoras, de vozes dissonantes que negociam sentidos, de resistências discursivas, de lógicas alternativas de comunicação de massa, de enfrentamento ao monologismo, muitas vezes em tempo afanado por poderosas forças de padronização ideológico-discursivas, que é necessário e atual pensar cenários ou pensar a partir de cenários em que as vozes dos grupos não oficiais, marginalizados, oprimidos, periféricos possam ser ouvidas em toda a sua força e ressonância (repercussão). Espaços estes que revelam marcas discursivas capazes de expor, trazer para uma arena de lutas as hierarquias de poder, as profundas divisões e contradições da vida social, as tendências hegemônicas que procuram se sobrepor nos processos de inteligibilidade da realidade e dos sujeitos, além dos discursos minoritários, dos marginalizados, que existem em relações antagônicas, cambiantes e polivalentes. Enfim, trata-se de um espaço social no qual, mediante as condições indicadas, as contradições sociais e ideológicas possam ser exploradas e onde os discursos não se excluam mutuamente, mas entrecruzem-se, dando forma e conteúdo a um processo que resulta na constituição dos sujeitos em qualquer tempo e lugar.

Neste sentido, percebe-se a RadCom não apenas como um lugar, como um meio ou um veículo de transmissão de informações, mas como

uma potente experiência discursiva, espaços de comunicação que, quando não desconsidera a pluralidade das vozes dos sujeitos e as lutas sociais de uma época, pode combater a seletividade imposta pela cultura de massa. Ao não marginalizar ou menosprezar as diferentes vozes nas negociações pelo sentido, possibilita palco favorável para o encontro de opiniões de interlocutores imediatos, de pontos de vista, visões de mundo, correntes, teorias. Pluralidade que, manifestada publicamente, enriquece a experiência humana como um todo e a vida de cada um.

REFERÊNCIAS

AGGER, Gunhild. A intertextualidade revisitada: diálogos e negociações nos estudos de mídia. *In*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. **Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 389–424.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação & Educação: do mundo editado à construção do mundo. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 2, n. 2, p. 176–187, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/22853>. Acesso em: 24 nov. 2025

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da Linguagem**; Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BEZERRA, Paulo. Prefácio: Uma obra à prova do tempo. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicação. **Plano Nacional de Outorgas**. [Brasília]: Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicação, dez. 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mcom/pt-br/aceso-a-informacao/transparencia-e-prestacao-de-contas/publicacoes/PNO_Radcom_2023_2024.pdf. Acesso em: 22 ago. 2025

BROCK, Nils; MALERBA, João Paulo. Um ar mais livre? Uma breve abordagem comparativa da situação legal das Rádios Comunitárias na Europa e América do Sul. *In*: IV CONFERÊNCIA SUL-AMERICANA DE MÍDIA CIDADÃ, 2013, Curitiba. **Anais [...]** Curitiba: UFPR–NCEP, 2013, p. 1–17. Disponível em: <http://www.midiacidada.ufpr.br/wp-content/uploads/2013/09/Joao-Paulo-Malerba.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2025.

HIRSCHKOP, Ken. Bakhtin, discurso e democracia. *In*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. **Mikhail Bakhtin**: linguagem, cultura e mídia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 93–127.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

NEWCOMB, Horace. Sobre aspectos dialógicos da comunicação de massa. *In*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor (Org.). **Mikhail Bakhtin**: linguagem, cultura e mídia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

RENFREW, Alastair. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2017.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. Mikhail Bakhtin e os estudos da comunicação. *In*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. **Mikhail Bakhtin**: linguagem, cultura e mídia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 9-34.

SANTOS, Carlos Roberto Praxedes dos. Das rádios livres às Rádios Comunitárias: aspectos históricos. **Revista Tuiuti: Ciência e Cultura**, Curitiba, v. 4, n 48, 2014.

STAM, Robert. Bakhtin e a crítica midiática. *In*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor (org). **Mikhail Bakhtin**: linguagem, cultura e mídia. São Carlos SP): Pedro & João Editores, 2010. p. 331–357.

VIGIL, José Ignacio López. ¿Qué hace comunitaria a una radio comunitaria? **Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación**, Quito, Equador, v. 52, n. 1, p.51–54, nov. 1995. Disponível em: <http://www.revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/621/618>. Acesso em: 20 ago. 2024.

VIGIL, José Ignacio Lopes. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. São Paulo: Paulinas, 2003.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Trad. Daniel Grassi. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.